

A obra de Gerd Bornheim (1929-2002)² é marcada por confluências literárias. O autor se interessa tanto pelos aspectos filosóficos das criações poéticas, como pelos escritos filosóficos expressos de forma poético-ensaística. Nesse viés, a tradução como “prática” e como “tema” de interpretação aparece de forma recorrente nos ensaios, nas conferências e na correspondência inédita do autor. Uma das motivações das cartas de Bornheim a Josepha Neandenthal (tradutora de um de seus escritos para o polonês), por exemplo, se deu justamente em torno da tradução. Em tal correspondência é flagrante o uso de citações em diferentes idiomas a fim de provocar diálogos reflexivos sobre determinados assuntos e autores. A correspondência revela ainda interlocuções de Bornheim com dois escritores-tradutores: Paulo Hecker Filho e Donaldo Schüler. É interessante perceber também a extensão desses diálogos nas conversações de Bornheim com o cineasta carioca Julio Bressane (a tradução entre linguagens artísticas) e com o poeta concretista Haroldo de Campos (a tradução como crítica e transcrição).

As reverberações poéticas dos ensaios e conferências de Bornheim, seus desafios interpretativos, efeitos sonoro-visuais em outros idiomas, assim como o modo como ele estimulava a modalidade de dissertações e teses que fossem traduções complementadas de textos crítico-interpretativos, demonstram o quanto ele atribuía à tradução um papel fundamental. Nessa perspectiva de valorização da tradução, chamou-me a atenção um comentário de Rosa Dias sobre uma conversa que ela e Julio Bressane tiveram com Bornheim:

¹ Gaspar Paz – Professor Adjunto do Departamento de Teoria da Arte e Música e do Programa de Pós-graduação em Artes da UFES. Doutor em filosofia pela UERJ, mestre em musicologia pela UFRJ e licenciado em filosofia pela UFRGS. Coorganizador dos livros: *Arte Brasileira e Filosofia*. Espaço Aberto Gerd Bornheim (Rio de Janeiro, Uapê, 2007) e *Música em Debate*. Perspectivas interdisciplinares (Rio de Janeiro, Mauad X/ Faperj, 2008). Organizador do livro *Temas de Filosofia*, de Gerd Bornheim, publicado pela Editora da Universidade de São Paulo (São Paulo: Edusp, 2015). Autor do livro *Interpretações de linguagens artísticas em Gerd Bornheim*. Vitória: Edufes, 2019.

² Gerd Alberto Bornheim nasceu em Caxias do Sul (Rio Grande do Sul, Brasil) no dia 19 de novembro de 1929. Foi entre Caxias do Sul (situada na Serra gaúcha e marcada pela imigração alemã e italiana) e Porto Alegre que ele percorreu seus referenciais imediatos e iniciou sua formação filosófica, complementada com estudos na França, Alemanha e Inglaterra. A realidade brasileira numa perspectiva de descolonização será para ele um intenso laboratório, revelando a originalidade de seu pensamento. Foi um dos formadores – como Bento Prado Jr., Marilena Chauí, José Américo Motta Pessanha e Benedito Nunes – de outros viéses para o campo filosófico no Brasil. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 5 de setembro de 2002.

Julio comentou com ele uma resenha crítica que acabara de ler, na qual um professor fazia uma observação crítica à tradução de Haroldo de Campos da *Iliada*. O autor elogiava a tradução, mas fazia uma ressalva: havia muitas palavras compostas e excesso de hífens, o que lhe parecia estranho à tradição da língua portuguesa. Gerd prontamente retrucou: ‘Mas, como, se justamente o hífen dá mobilidade à língua? O hífen intensifica e forja a sucessão das imagens e da ação, tão importante na épica, cria o movimento, que é o efeito desejado da tradução: sucessão de imagens, ação. O hífen junta palavras, revela a ação, dá mobilidade à língua’ (DIAS, 2016, p. 11).

Era a vivência da língua que o interessava e não seu aprisionamento a esquemas instrumentais. Em um escrito sobre “O conceito de tradição” ele abordou o assunto a partir das ressonâncias de um poema de Carlos Drummond de Andrade (A Luís Maurício, Infante). Segundo ele

O asserto do poeta mostra toda a ambiguidade do problema, ao contrapor duas ordens de razão. A palavra é obviamente serva, o que não impede que apresente, de outro lado, uma estranha majestade, que faz de mim o seu servo. Por importante que seja a poesia, historicamente, para a formação das línguas, não faz nenhum sentido pretender encontrar o ato inaugural da língua portuguesa numa vontade deliberada. Ao contrário disso, o homem já está desde sempre situado numa língua, ele é regido por ela, e só chega a articular o pensamento dentro dos parâmetros que ela põe a seu dispor. O homem e a condição humana são conduzidos pelo sentido da palavra. E como a língua é uma realidade viva, dinâmica, dotada de um sentido que evolui, que se modifica, tudo o que digo permanece caudatário de um momento dessa evolução, sabendo eu disso ou não. É isso que torna todo dicionário uma realidade morta; o seu pressuposto fundamental, o racionalismo analítico, constrange a palavra à condição de mero instrumento, despegando-a das vertentes que dão acesso à sua historicidade fundamental. O dicionário irrealiza a palavra. (BORNHEIM, 2015, p. 249)

É interessante que essa conotação da tradução “expandida”, digamos assim, se intensifique no magma do diálogo, da interpretação e do espírito crítico presentes na obra de Bornheim. Para ele, na expressão do movimento tradutório revelam-se ao menos dois aspectos fundamentais para a relação entre literatura e filosofia: a busca pelo sentido da língua e a expressão de imagens e acontecimentos reveladores de nossa realidade. E, em sua obra, tais características aparecem com impulsionadoras da experimentação de sua escrita e oratória. Quando cita-traduz em seu livro-ensaio *O conceito de descobrimento* um fragmento do poeta T. S. Eliot, são justamente esses elementos que se sobressaem. E assim, o filósofo provoca nosso imaginário e nos impele a percorrer o poema em busca de sentido e contexto. O poema a que me refiro é “A canção de Amor de J. Alfred Prufrock”, cujo trecho “I have measured out my life with coffee spoons” foi traduzido por Bornheim como “Eu doseiei a minha vida inteira em colherinhas de café”. A musicalidade conferida pelo autor a essa passagem, se distingue das já conhecidas traduções de Ivan Junqueira e de Lawrence Flores

Pereira, na medida em que procura expressar toda uma vida já experimentada e desencantada com os dissabores burgueses. Transposto para os anos 2000 (ano da paradoxal comemoração dos 500 anos de descobrimento do Brasil), o trecho de Eliot põe em questão certa decepção com a realidade que nos cerca. Por outro lado, a experiência negativa pode nos fazer acessar o sentido do descobrimento e da transformação da própria realidade, com a vantagem que essa configuração se dê sem demasiadas ilusões.

Feitas essas observações iniciais é importante assinalar que esse horizonte da tradução responde a três preocupações de Gerd Bornheim: a) a problematização da linguagem e da comunicação (os modos de expressão que os autores dispõem/experimentam em diferentes momentos para transmitir suas ideias); b) o caráter da emancipação e a preocupação com a manipulação e os jogos de poder que podem incidir diretamente nos resultados das traduções e interpretações; c) as leituras de textos no “original” e os diálogos e intertextos que se fazem e perpassam as criações.

Não se trata, portanto, de uma mera ocorrência que poderia ser encontrável nos anseios de alguém que se dedique ao labor intelectual (um certo caráter filológico que acompanha as perquirições das humanidades). Trata-se, sim, de um caráter peculiar do autor que revela muito da singularidade de seus *insights*, de seu humor, de suas ironias e perspicácias de pensamento. Pretendo citar breves exemplos a seguir, mas antes gostaria de apontar cinco perspectivas através das quais esse campo da tradução se movimenta na obra de Bornheim.

1. A tradução está presente nas leituras históricas, filosóficas, políticas, científicas e artístico-culturais que se ambientam a partir da consciência dos dados de certa tradição (considerando permanências e/ou rupturas), mas por outro lado trilham perspectivas/experiências novas. Muito disso é dado pelo seu contato direto com autores como Merleau-Ponty, Bachelard, Hyppolite, que já vivenciavam essa abertura e transmitiam esse sentido em seus cursos (a maleabilidade/a flexibilidade e o uso da imaginação no fazer filosófico);

2. Leituras culturais e artísticas que permitem a tradução entre linguagens distintas e não necessariamente entre línguas. Nesse caso o autor recorre, por exemplo, à descrição de espetáculos, exposições, filmes, sublinhando as disjunções, convergências e sinestésias de sentidos e intenções. Esses são alguns dos componentes que o auxiliam na escolha das citações e conceitos que aparecem em seus textos e motivam suas obras (chama acesa do debate sobre a tradução com Haroldo de Campos e Julio Bressane);

3. Os comentários diretos sobre a tradução em seus textos (derivados de leituras originais), revelam sua participação fundamental nas concepções críticas de seu tempo, ou seja, os modos de participação nas discussões e as formas de disseminação de ideias;
4. O impacto da tradução em sua própria obra (textos, projetos e livros traduzidos para o alemão, inglês, francês, polonês e espanhol) e o seu próprio exercício ou experiência tradutória como motivador de temas, citações, conceitos, configuração das ideias de um determinado autor ou movimento;
5. Todos esses aspectos se amplificam na percepção do autor e revelam seu desejo de trocas e diálogos que reflitam sobre as realidades brasileiras (o direito de pensar seu próprio contexto, sua memória, suas próprias imagens, suas circunstâncias).

Levando em consideração essas linhas de atuação e a vasta contribuição de Bornheim para esse campo, que vêm sendo trabalhadas no projeto de pesquisa “Confluências literárias na obra de Gerd Bornheim”, desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Letras da Ufes, me limitarei, por hora, em mostrar dois exemplos dessa experiência tradutória em Gerd Bornheim.

O primeiro exemplo pode ser lido no ensaio “O bom selvagem como *philosophe* e a invenção do mundo sensível”. Nele, Bornheim reivindica que a paternidade da filosofia moderna, normalmente atribuída a Descartes, seja compartilhada também com Montaigne, o autor dos *Ensaaios*. Bornheim vê se configurar aí uma dupla expressão da filosofia moderna, que se reflete, de um lado, no modo sistemático e racionalista do pensamento cartesiano e, de outro, no modo fragmentário e de abertura ao sensível do pensamento de Montaigne. São, portanto, diferenças de forma e conteúdo que se manifestam na escrita desses autores. É a partir daí que se constrói a argumentação e o estudo, por assim dizer, tradutório desse texto, pois se trata, de fato, de uma interpretação crítica sobre a recepção da tradução de Sérgio Milliet dos Ensaaios (de Montaigne). Vejamos a colocação inicial do problema:

Há uma conhecida e instigante afirmação de Montaigne no início de um de seus ensaios, que diz: “Os outros formam o homem; eu o recito, e o represento como um particular bem malformado [...]”. O asserto contém uma crítica lúcida e mais profecias do que o seu autor poderia imaginar. É fácil perceber que o uso do verbo *formar* traz em seu bojo toda uma tomada de distância relativamente a uma vetusta tradição, inaugurada no antigo pensamento grego. Em verdade, há poucas palavras tão comprometidas com o próprio sentido da metafísica tradicional quanto o conceito de forma. Assim, o verbo *formar* nada tem de inocente, e, quando Montaigne contrapõe-se àqueles que formam o homem, ele toma posição crítica em relação àquela metafísica e àquela pedagogia que atravessam o passado. Bem ao contrário disso, é na aceitação desse veio tradicional que se deixa inserir perfeitamente bem a abordagem cartesiana da realidade humana: Descartes prende-

se a esse passado e lhe dá prosseguimento como que aprofundando as suas implicações. (BORNHEIM, 2015, p. 52-53)

Na citação acima pode-se observar que Bornheim discorre sobre o conceito de *forma* e procura discutir a significação que incide nas ideias (a um só tempo) literárias e filosóficas do autor francês. A tradução que ele propõe está no início da citação: “Os outros formam o homem; eu o recito, e o represento como um particular bem malformado [...]”. Ora, desde Jacques Derrida se enfatizou que a margem é um espaço fecundo para o pensamento filosófico-literário. Pois é justamente na nota de rodapé que Bornheim explica por que sua tradução se distingue da tradução de Milliet.

Cito o original: “*Les autres forment l’homme; je le récite et en représente un particulier bien mal formé [...]*” (*Essais*, ed. Maurice Rat, Paris, Garnier Frères, 1958, vol. III, capítulo 2, p. 18). A tradução de Sérgio Milliet, é forçoso que se diga (São Paulo, Abril, coleção “Os pensadores”, 1980, p. 367), parece livre demais. Eila: “Outros autores têm como objetivo a educação do homem; eu o descrevo. E o que assim apresento é bem mal conformado”. Faço algumas observações. 1) Entendo que o artigo definido não pode ser suprimido; Montaigne quer inovar, ele se opõe à totalidade da tradição, a todos os outros. 2) O verbo *formar*, usado duas vezes na mesma frase, não pode ser suprimido: o verbo está vinculado ao conceito de forma, de importância medular justamente na tradição metafísica que Montaigne pretende superar. 3) Prefiro o verbo *recitar*. O verbo tem (e tinha) basicamente o mesmo significado em francês, em português e em latim: Montaigne o escolheu. (BORNHEIM, 2015, p. 53)

A interpretação e a crítica não param por aí. Está claro que a força do texto de Montaigne depende de seu espaço ou inscrição poética. E essa força, para uma tradução correspondente em outro idioma, é mesmo imprescindível, pois é justamente ela que irá garantir o espaço de valorização do sensível e do corpo, tão vilipendiados pela tradição metafísica. Assim, Bornheim argumenta:

Portanto, Montaigne não está interessado em construir o homem: ele se empenha em outro modo de olhar as coisas e a realidade humana. E o método se concentra agora nos processos de recitação: ele recita o homem. E eis o caminho: “Eu não pinto o ser. Eu pinto a passagem”. E mais: “Preciso acomodar a minha história à hora”. O ser, quer dizer: a forma, a substância, a essência, o que se quiser: a imutabilidade. E cito mais: “Cada homem traz em si a forma inteira da humana condição”. Só que essa forma nada apresenta de autônomo, ela como que se dissolve no indivíduo. Montaigne fala apenas de Miguel de Montaigne. E nosso herói é consciente do que faz: ele é o primeiro a expor-se desse modo. Não lhe interessa a essência do homem, nem mesmo o homem excepcional, e sim, simplesmente, o “homem vulgar e sem brilho”, lê-se no mesmo passo. E o método também vai por aí: ele está “sempre na aprendizagem e à prova”. O método é antes de tudo uma forma de educação: saber ver. No recitar, os olhos do nosso filósofo viajam, tudo querem ver, saber ver as diferenças, longe da mesmidade do mesmo. Montaigne viaja e vai longe, seu olhar se estende, por exemplo, até as praias do Brasil, e aí topa com um estranho tipo de canibal, que passa a chamar de bom selvagem. A medida do ver está em saber captar

essa mutabilidade, esse mobilismo universal, ou seja, a condição humana. (BORNHEIM, 2015, p. 54)

Mais uma vez, em nota, Bornheim faz observações importante sobre as frases traduzidas por ele na citação acima: “As duas primeiras frases foram omitidas na tradução de S. Milliet. A terceira também”. (BORNHEIM, 2015, p. 54). A primeira frase é “Eu não pinto o ser. Eu pinto a passagem”, quiçá uma das expressões mais poéticas da filosofia moderna. Com esse exemplo, o leitor tem uma ideia da contribuição atenta e relevante do exercício tradutório na obra de Bornheim.

O segundo exemplo selecionado, reforça o primeiro exemplo de recepção crítica e interpretativa, e diz respeito à filosofia de Marx. Percebe-se aí que versatilidade e perspicácia de Bornheim são marcantes, pois elas grifam o papel da tradução como formadora de sentido, contexto, diálogo e crítica. Em dois textos significativos se verifica a continuidade de abertura ao sensível e, por conseguinte, ao campo artístico. Um deles é o ensaio “A invenção do novo”; já o segundo, intitula-se “Desejo e necessidade em Hegel e Marx”. Me limitarei em evocar uma passagem deste último para enfatizar o labor interpretativo do autor.

Os textos que mais se aproximam de nossa temática são, indubitavelmente, os *Manuscritos* de 1844. Neles, a palavra *desejo* talvez nem sequer apareça, e nosso problema não constitui nem mesmo um assunto de segunda ordem. Entretanto, aparece algumas vezes a palavra *paixão* [*Leidenschaft*], e com mais frequência o adjetivo *leid* [de *sofrer*], que vem até mesmo grifado por Marx, o que lhe empresta importância. Marx diz, por exemplo, que o homem é *ein leidendes Wesen*, um ente passivo. Há uma passagem especialmente interessante e mesmo instigadora, que cito e comento: “O homem, como essência sensível e objetiva, é uma essência passiva, e como essa essência recebe o seu sofrer, ela é passional. A paixão, a *passio*, é a força essencial do homem que busca com energia o seu objeto”. Esse texto deve ser entendido a partir de dois aspectos da realidade humana relevados por Marx. O homem é um ser ativo, ele é provido da atividade de um ente natural objetivo; porque ele é objetivo em seu ser mesmo é que ele pode atuar objetivamente e produzir objetivamente. Mas o homem só pode ser ativo porque ele é basicamente passivo, ele recebe, sofre a ação dos objetos; a partir dessa passividade instaura-se no homem a possibilidade da ação. A tese de Marx defendida nesse contexto é que o homem se deixa explicar radicalmente pela categoria do objeto. A citação chega a ser curiosa pelo seguinte: a segunda frase inicia com a palavra *Leidenschaft* [paixão], que é imediatamente enfatizada com outra palavra, sinônima, *Passion*, diretamente derivada do latim (*patior*, que significa “sofrer”, “suportar”, mas também “ser passivo”). Com tal recurso, nosso autor parece querer sublinhar o aspecto da passividade. Mas a frase acaba dizendo outra coisa, já que essa paixão “busca com energia” o seu objeto. Há aí uma mudança de sentido, que se contrapõe ao contexto geral em que se situa a frase, mudança essa que não é justificada por Marx. (BORNHEIM, 2015, p. 54)

Bornheim busca encontrar os caminhos do desejo em Marx e verifica que essa noção aparece tangencialmente na obra do filósofo alemão. Por essa razão, ressalta as recorrências da

palavra *paixão* para explicar ao mesmo tempo a passividade e a atividade humanas. A generosidade do autor deixa espaço para que o leitor faça seu próprio exercício de tradução ao transcrever o original em nota de rodapé. Esses exemplos mencionados acima são uma pequena amostragem da contribuição de Gerd Bornheim para a tradução como diálogo, interpretação e crítica.

REFERÊNCIAS

BORNHEIM, Gerd. **Ensaaios e conferências sobre teatro, literatura, artes plásticas, música e crítica de arte**. Organização e apresentação Gaspar Paz, Thays Alves Costa e Erika Mariano. Prefácio de Rodrigo Duarte. Vitória: Edufes, 2022.

_____. **Temas de filosofia**. Organização e apresentação Gaspar Paz. Prefácio de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Edusp, 2015.

_____. **O conceito de descobrimento**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

Textos de Gerd Bornheim em outros idiomas:

Francês:

BORNHEIM, Gerd. **Heidegger L'Etre et le temps**. Paris: Hatier, 1976.

_____. De la peinture qui est peinture. L'Education pour um développement social et humain au Brésil. **Textes du Brésil n. 7**. Ministère des Relations Extérieures. Bureau de Communications Sociale, 2000.

_____. Témoignage: souvenir et présence de Bachelard. Dossier Bachelard au Brésil. **Cahiers Gaston Bachelard**, Dijon, n. 4, 2001a.

_____. A propôs de l'histoire d'une vie. **Il était une fois le livre**, org. Eduardo Portella, Paris: ONU; Unesco, 2001b.

_____. La découverte de l'homme et du monde. In: NOVAES, Adauto (Org.). **L'autre rive occident**. Paris: 2008.

Inglês:

BORNHEIM, Gerd. About the story of a life. **The book. A world transformed**, org. Eduardo Portella, Paris: ONU; Unesco, 2001c.

_____. Bez Batti by Gerd Bornheim. **Bez Batti: escultura em basalto**. São Paulo: Prêmio, 1994.

_____. Vasco Prado the sculpture and their measures. **Vasco Prado escultor**. Porto Alegre: Anima, 2001.

Alemão:

BORNHEIM, Gerd. Carmen oder filter? **Ein Prozess. Carmem com filtro 2** von Gerald Thomas. Wiener Fest Wochen, 1989.

Espanhol:

BORNHEIM, Gerd. Pintura que se dice pintura. Educación para um desarrollo humano y social en el Brasil. **Textos de Brasil n. 7**. Ministerio de Relaciones Exteriores. Asesoría de Comunicación Social, 2000.

Polonês:

BORNHEIM, Gerd. Problem Boga U Sartre’A. Tum (trad.) Józefa Szczepanska Niedenthal. **Znak Miesiecznik**. Kraków, n.228, Rok XXV Czerwiec, 1973.

BRESSANE, Julio. **Cinemancia**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

CAMPOS, Haroldo. **Transcrição**. Organização Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.

DERRIDA, Jacques. **Le monolinguisme de l’autre**. Paris: Galilée, 2016.

DERRIDA, Jacques. “Fidelidade a mais de um. Merecer herdar onde a genealogia falta”. In.: OTTONI, Paulo. **Tradução Manifesta**. Double bind e acontecimento. Campinas e São Paulo: Unicamp e Edusp, 2005.

DIAS, Rosa. Homenagem ao professor Gerd Bornheim. **Páginas da vida. Páginas da arte**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

HECKER FILHO, Paulo. **Saudades de Voltaire**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

MATOS, Olgária “Derrida e a língua do outro”. **Revista Cult 195**, São Paulo, outubro de 2014.

PAZ, Gaspar. “Gerd Bornheim and Brazilian Contemporary Aesthetics”. Tradução de A. Cristina Moura. **AM Journal of and media studies** (online), **JCR**, v. 1, p. 11-20, 2021.

_____. “A escrita performativa de Beckett segundo Gerd Bornheim”. **Revista ArteFilosofia (UFOP) V. 15 (Edição especial)**, 2020.

_____. **Interpretações de linguagens artísticas em Gerd Bornheim**. Vitória: Edufes, 2019.